

<sup>R</sup>oberto Correia



Epigrammas



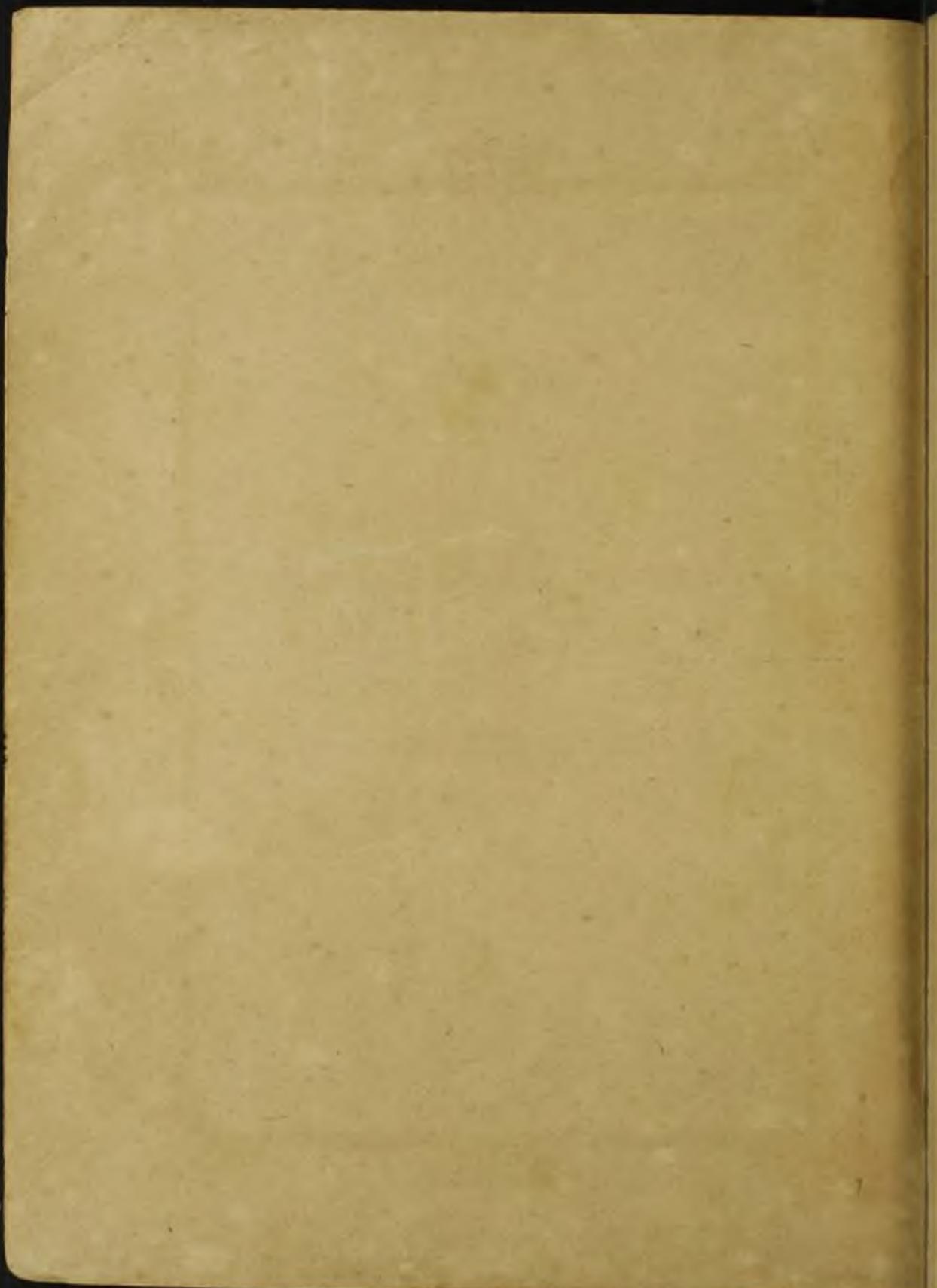
---

---

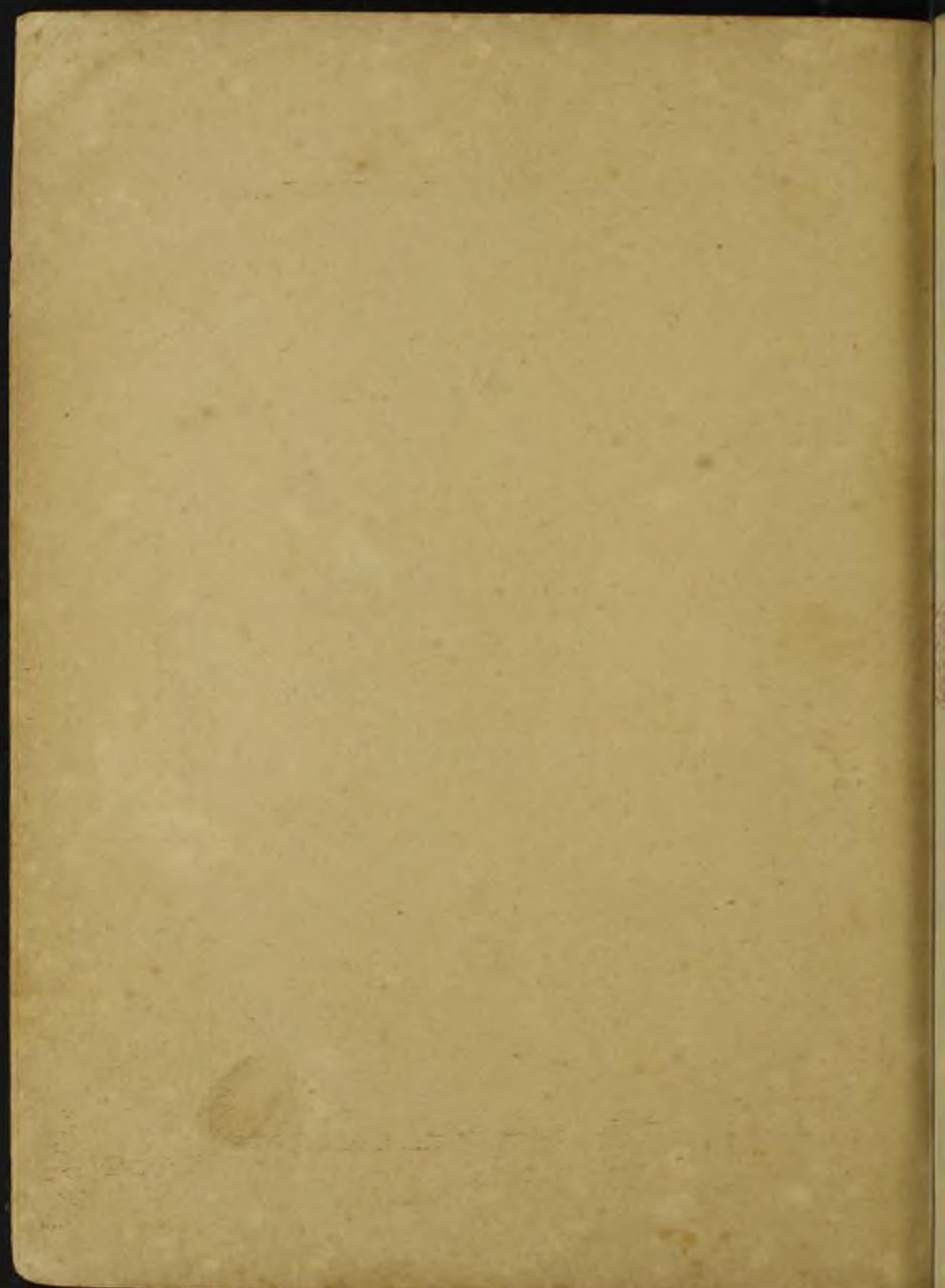
EPIGRAMMAS

---

---



Scintillantes ou sem brilhos,  
Ao baptizá-los, quem quer  
Dará, por gosto, aos seus filhos  
O nome que bem quizer...

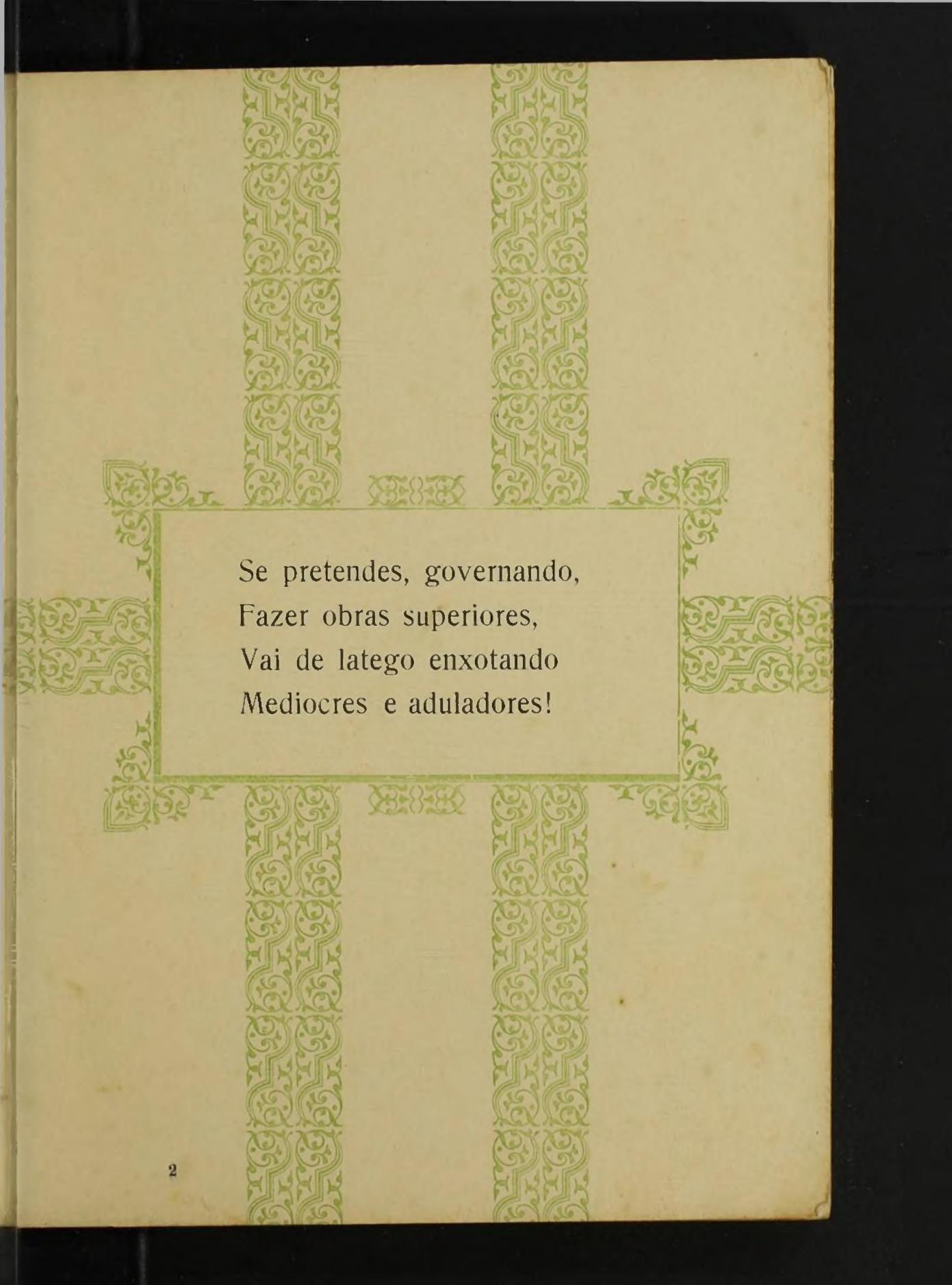


Anno Bom, que de floridos  
Longes, garboso, chegais,  
Sois como os outros vividos,  
Nada menos, nada mais!

Forçosamente de origem  
Diabolica ou remota,  
Deve ser côr de fuligem  
A alma de todo o agiota!

Dissera-me um reprovado  
Que todo o examinador  
Quanto menos preparado  
Tanto mais reprovador!

Se é mister que se não vele  
A verdade, vê, então,  
Que o matiz da tua pelle  
Influe na tua ascenção!



Se pretendes, governando,  
Fazer obras superiores,  
Vai de latego enxotando  
Mediocres e aduladores!

Empanas toda a poesia  
Dos teus labios virginais  
Por que, oh flor, tens a mania  
De enrubecê-los de mais!

Ha meninos que parecem  
Com aquelle de Santo Antonio!  
Entretanto, quando crescem,  
São peiores que o demonio!

Sempre D. Juan se confere  
O poder de não reagir,  
Se no ferro com que fere  
Acaso se vem ferir!..

Dizem velhos confessados  
Que ás vezes o confessor  
Tem o duplo dos peccados  
Que possue o peccador!

Entre nós o “presidente”  
Da “República” é singular:  
Passa despoticamente  
O quatriennio a “reinar”!

Tem a cachaça, no estio  
E no inverno, alto valor:  
Dà quentura a quem tem frio!  
Frio a quem sente calor!...

Você, que a mediocridade  
Em todos aponta e vê,  
Buscando-a, sem vaidade,  
Ha de encontrá-la em você!

Moçoila, sê precavida,  
Encarece teu amor,  
Que a fazenda offerecida  
Perde muito do valor!...

No Brasil, é da pragmatica,  
Das discussões na fervura,  
Entrar—no meio—a grammatica!  
No fim—a descompostura!

Politicallia, excellencia,  
E's de um prestigio sem par:  
Até mesmo a acção da sciencia  
Consegues acanalhar!

Quando, ás vezes, me aprofundo,  
A pensar na vida, a serio,  
Chego a descrever que o outro mundo  
Passe além do cemiterio!

Ha no mundo muita gente  
Que faz o que vais ouvir:  
Traça-se a norma indecente —  
Agachar-se p'ra subir!...

Ha espiritos poeticos,  
Que fazem versos exoticos:  
Na forma, sempre anti-estheticos !  
No fundo, sempre calioticos !

Não rias da morte allieia,  
Porque a morte, em seu vae-e-vem,  
Na sua funerea teia,  
Vem e vae, levando alguem.

Tuas juras são sensatas  
Na tua bocca gentil!...  
Quanto a mim, lembram as actas  
Das eleições no Brasil!...

Se trajando decotado  
Vestido, vaes communigar,  
Reincides no peccado  
E fazes alguem peccar..

Ha quem malsine, entre anseios,  
Os que vivem a roubar,  
Porque não encontra meios  
Proficuos de os imitar !

Quando ao teu rosto trigueiro  
Dás tão viva côr de rosa,  
Acho-o menos feiticeiro  
E ficas menos formosa...

Entrarás na ultima casa  
De botas, mas... sem chapéo,  
Seja simples cova rasa  
Ou sumptuoso mausoléo!

Sei de excepções que parecem  
Caprichos da natureza:  
Ha mulheres que envelhecem,  
Seni que lhes fuja a belleza !

Todo o perverso, no mundo,  
Procura se arrepender,  
No momento tremebundo  
De ir á cova apodrecer!

A' beira da sepultura  
Do que vai á eterna paz,  
Sempre faz triste figura  
Quem longos discursos faz !

Os Judas de hoje e os futuros  
A' figueira irão pairar,  
Comerão figos maduros  
E voltarão a cantar!

Sei que a sciencia vive á caça...  
Mas em vão lha de caçar  
Estranho elixir que faça  
Gente velha remoçar !

Fiado, por alto preço,  
Quem torna, sem ajustar,  
Dá de onde mora o endereço,  
Mas... não deseja pagar!

Livro existe criticado,  
Que simplesmente logrou  
Ser muito ás pressas folheado  
Por quem quer que o criticou!

Sabidorio! em medicina  
Fisgando o grau de doutor,  
Se fez socio da officina  
De um procurado armador!

— Leste o soneto? — Um encanto!  
Forma e rimas colossais!  
Quanto á idéa, no entretanto,  
Não é teu. Tem outros pais....

Eu não penso como pensa  
Toda a humana creatura:  
Velhice é peior que doença,  
Porque é doença sem cura!

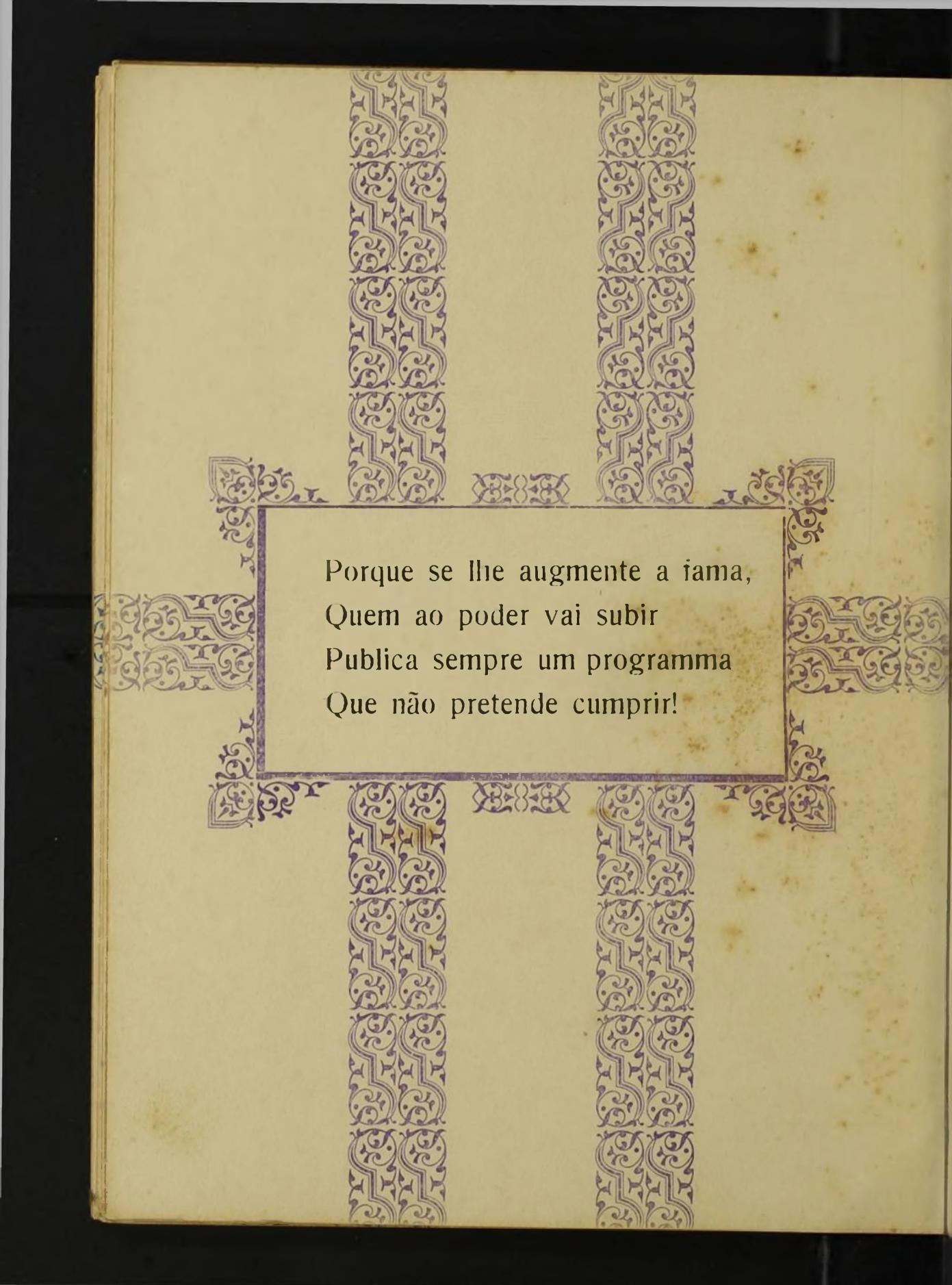
Muita gente se mascara  
Por esta razão legal:  
Não poder com a propria cara  
Assistir o Carnaval!...

A monotona eternidade  
Existe de facto ou não?  
Diz a fé que é uma verdade!  
Dirá o mesmo a razão?

E' o passado uma lembrança,  
Doce ou amarga sensaçāo !  
O futuro, uma esperança !  
O presente, uma illusāo !

— Sei de um optimo recurso  
Para que saias do pó...  
— Dize-o! — Entrar em concurso...  
— Entrarei, entrando só...

A adulação é recurso,  
Processo de almas eguais  
Ao lodo, ás fezes, ao curso  
Do esgoto dos hospitais!



Porque se lhe augmente a fama,  
Quem ao poder vai subir  
Publica sempre um programma  
Que não pretende cumprir!

A vida você não poupa,  
Só anda a se divertir!  
E' assim: quem não tem roupa  
Tem sempre festa aonde ir!

Um poeta, cujo brilho  
O faz grande no Universo,  
Prefere ter um mau filho,  
A publicar um mau verso.

Escreve, porque a maldade  
Em vão te ha de combater!  
Se tens valor de verdade  
Ninguem o pode esconder!

Eva que triste figura!  
Não se pinte, que é tolice  
Pensar que a mão da pintura  
Dê mocidade á veltice!...

Venceu, enfim. Hoje é tido  
Como trunfo em sua aldeia,  
Só por ser lido e corrido  
Em coisas da vida alheia !

A ti, pezames eu trago,  
Oli nobre Constituição,  
Porque não fugiste ao estrago  
De imperita castração!

Muita gente sem cachola  
De jornalista se doura,  
Tendo um frasquinho de colla,  
Um arquivo e uma tesoura!...

—Sou deputado, senhores,  
Porém só devo um favor,  
Porque, ao réves de eleitores,  
Só tive um grande eleitor!

De manhã (caso exquisito)  
Era em casa um furacão!  
A' tarde, vi-o, contricto  
E de opa, na procissão!

Dizem que Deus anda triste,  
Porque hoje a moda e o amor  
Só vivem de lança em riste  
Contra moral e o pudor!

Canta, saltita, faz troças,  
Tem um genio divertido,  
Mas, por não ter pernas grossas  
Só usa longo o vestido.

— Vamos logo; anda, querido...  
— Não vou contigo — Não vais,  
Porque? — Porque teu vestido  
E' transparente demais!...

Quando escondeste a verdade,  
Vi que a tua alma soffria:  
Não fizeste por maldade!  
Fizeste por covardia!

Sentimos, aos quarenta annos,  
As amargas sensações  
Da vinda dos desenganos !  
Da fuga das illusões!

Disfarça tua saudade,  
Esconde n'alma os teus ais,  
Que os dias da mocidade,  
Perdidos, não voltam mais !

Menina, vou ser-te franco:  
E' falsa tua visão...  
Teu noivo pôde ser branco  
Mas, sómente em commissão!

A's vezes a voz da fama  
Tem um que de voz divina:  
Dá forças de intensa chama  
A' luz de uma lamparina!

Num templo, regorgitando  
De fieis, bem raros são  
Os que deveras, rezando,  
Trazem Deus no coração.

A loquacia, em consciencia,  
Sempre foi, sempre hia de ser  
Signal de falsa eloquencia!  
Prova de pouco saber!

A maldade é uma figura  
Que illude! Sendo feroz,  
Chega, ás vezes, com doçura  
No gesto, no olhar, na voz!

— Olá! gosando entre os astros?  
— De certo — Agora estás bem!  
— E não ascendi de rastro!  
— Mas, foste ás costas de alguem!

Muito moço empertigado  
Vai ás manifestações,  
Com o intuito reservado  
De fazer como os ladrões!

Historias de unhas cortadas  
E mãos limpas, maganão,  
Não formam provas provadas  
De que não foste ladrão !

Por falta de asas te matas  
De raiva, triste a chorar !  
Mas, ha quem só tenha patas  
E viva sempre a voar !

A bibliotheca opulenta  
Nem sempre é bastante lida!  
Mas... dá nome e representa  
Um bom seguro de vida!

— Os labios o dia inteiro,  
Ella os traz côn do româ!  
— Já lhe viste o feiticeiro  
Rosto, ao romper da manhã?

Um estadista!... que enterro!  
Vai como um pobre cristão,  
Só por ter caido no erro  
De morrer, em oposição!

Pequena esmola, em verdade,  
Elle não dá. Tens razão.  
Mas.... faz muita caridade  
De intensa repercussão!

Não é raro o teu intuito  
De a todo o mundo amparar...  
Sempre deseja dar muito  
Quem nada tem para dar !

Enverga roupa surrada,  
Velhas botas, meu amigo,  
Se queres, em tua estrada,  
Que ninguem fale contigo.

Um cachoço e um violão . . .  
Ha sempre uma ave cantando,  
A custo, consegue o pão,  
Em casa do que, suando,

Burocrata que enriquece  
E não herdou, nem tirara  
Sorte grande, me parece  
(Perdoe-me Deus) que roubara !

Se a doçura do teu beijo  
Tu me não deste a gozar,  
Não me mataste o desejo,  
A volupia de esperar.

Viuva sem mocidade,  
Pobre e feia, soffre, então,  
Além de acerba saudade,  
Amarga a ausencia de pão.

Tú, que és sabio entre esculapios,  
Já viste, acaso, doutor,  
Um cancer peior que os labios  
De qualquer calumniador? !

Sei de estrophes que procuram  
Sete palmos de uma cova,  
Mas, seus donos asseguram  
Que são versos de arte nova !

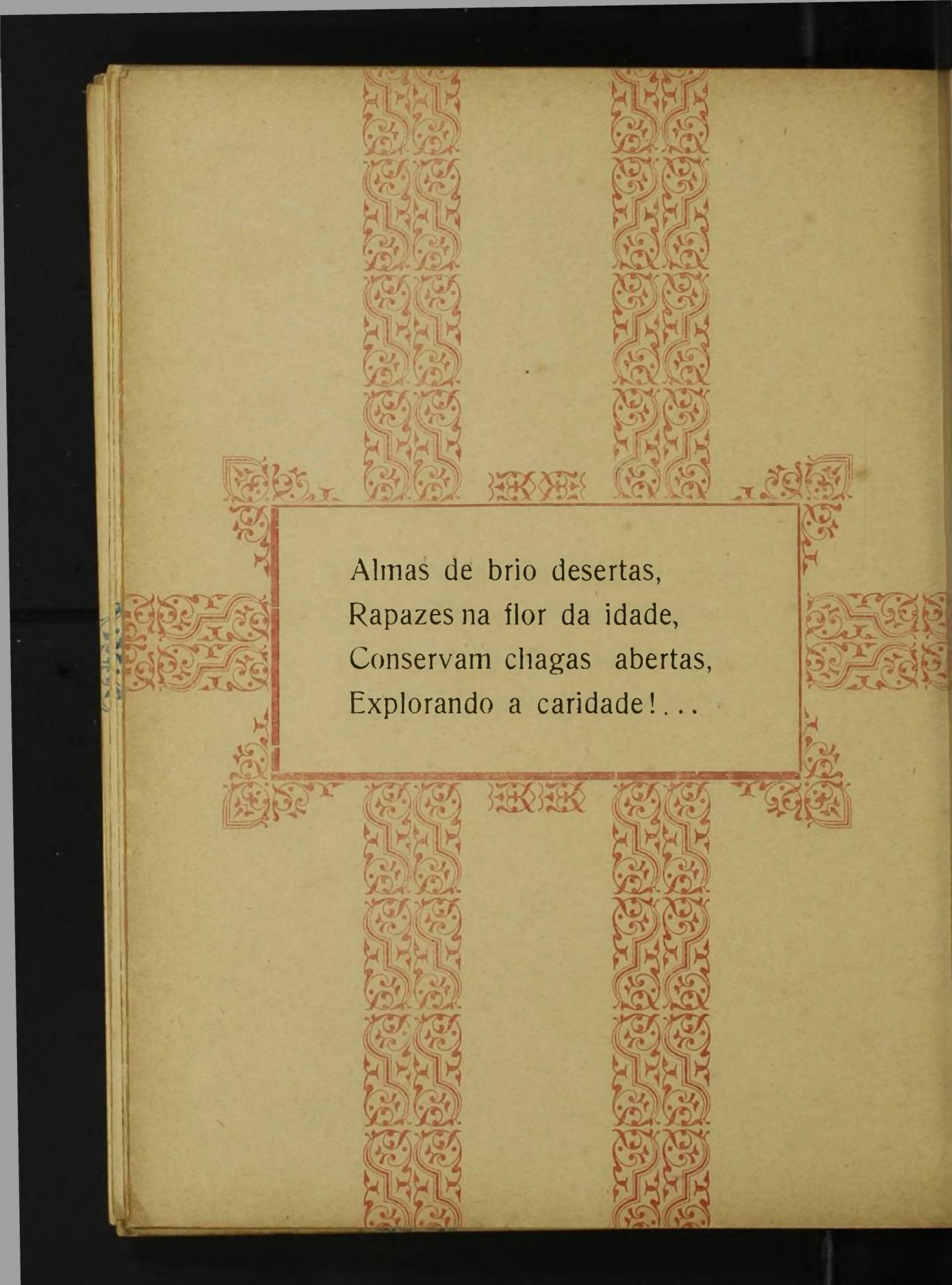
Cava ! e serás deputado !  
Que importa não saibas ler !  
Busca padrinho altanado  
E deixa o marfim correr !

Nasci forte! blasonando,  
Bates no peito—sou forte!  
Illudido, caminhando,  
Como os fracos, para a morte!

Desalmado carroceiro,  
Diz o burro, vê que tu és  
Meu irmão ! mas . . . aleijado,  
Que nasceste com dois pés!

Olha que a sorte varía...  
Tem sempre dó do coitado...  
E vê bem que é covardia  
Bater n'um homem deitado...

Por desaforo ou maldade,  
Cynismo, inveja ou molestia,  
Muitas vezes a Vaidade  
Veste as saias da Modestia!



Almas de brio desertas,  
Rapazes na flor da idade,  
Conservam chagas abertas,  
Explorando a caridade!...

Nesse vestido apertado  
Teu corpo, essa perfeição,  
Faz do que não tem peccado  
Peccador de profissão!

Despindo-se, de hora em hora,  
Feminil moda coeva,  
Voltarás, linda senhora,  
Aos longinquos tempos de Eva!

Muitas vezes (attentae!)  
Muita gente ha que tem brilho,  
Porque o renome do pai  
Dilata as glorias do filho !

Se asas possues aparadas,  
Não chores. Porque, tambem,  
Ha quem chegue ás cumiadas  
Trepado ás costas de alguem!

Rei, morrestes prisioneiro  
Muito além—«do céo de anil ! »  
Mas fostes o brazileiro  
Mais amado do Brasil!

Com desusada frequencia,  
O melhor observador  
Confunde concupiscencia  
Com sentimentos de amor !

Está de todos á vista  
Esta verdade immortal:  
Que se não é jornalista  
Porque se escreve em jornal!

Sei, urso, amigo, de sobra,  
Que o bom artista imitais:  
Mas... na quantidade da obra!  
Na qualidade... jamais !

Conheço muito covarde  
(Bem que os ha, ninguem estranhe)  
Que do pai faz sempre alarde  
E esconde o nome da mãe !

Em horas plenas de calma,  
Quando me ponho a scismar,  
Invejo a perfeição d'alma  
Dos que sabem perdoar !

Dizem que elle tem talento!  
Mas... eleito deputado,  
Passou pelo parlamento  
Como um phosphoro apagado!

De orador lhe dão a gloria  
Os *trombetas* por officio...  
Entanto é sua oratoria  
Simples fogo de artificio!

Tal como rio que desce,  
A vida passa a correr...  
E assim a gente envelhece  
Sem sentir-se envelhecer.

Diz um gatuno: — A Republica  
(Diz com despeito e razão)  
Ao que rouba a *coisa publica*  
Não o chama de ladrão!

Sei de certos desalmados,  
Tão atreitos no roubar,  
Que aos cégos e aos aleijados  
Mesmo não sabem poupar!

A's occultas, torturada  
E' a alma do que, a miúdo,  
A todos diz:--«não sou nada»,  
Pensando, entanto, que é tudo ! .

De muitos «doutores» sei,  
Que fundamente acatamos,  
Aos quais, se dizem — «cheguei»,  
Retruca a morte—«chegamos»!

A carapuça talhada  
Para alguém, sem que pareça,  
A's vezes fica ajustada  
Em nossa propria cabeça !

O ídolo falso se anima  
Com geito sobre um altar!  
Mas... um dia, mesmo em cima,  
Começa a se desmanchar !

—E' a moda ! Sei — E' veja  
Que ha outras assim na rua !  
— Mas, se te vais a egreja,  
Não deves ir semi-nua !

Para enxotar da canalha  
Todo o insolente magote,  
Faz-se da lingua metralha!  
Faz-se da penna chicote!

Quem sempre juras sagradas  
Quebra e, com estranho fervor,  
Repete as juras quebradas,  
E' cigano ou jogador!

Quem sem um só desaffecto,  
Octogenario morreu,  
Do doirado mel do Hymeto  
Nem uma gota sorveu...

Você se julga um portento...  
Um sabio... um genio... uma gloria...  
Porque confunde talento  
Com educada memoria !

No coração ? idiotismo  
E' procural-o. Emfim entre ...  
Mas, hoje, o patriotismo  
Habita as visceras do ventre ...

Do seu traballio exalçado  
Só se envaideça o auctor,  
Quando passar em julgado  
O saber do julgador...

—Quem bate á porta, oh! criado?  
—Não é ninguem, «seu» doutor,  
E' um homem mal-trajado,  
Que quer falar com o senhor!

Se pedes, pede ostentando  
Aureas pennas de pavão !  
Porque quem pede chorando  
Aborrece e ... pede em vão !

Só deixa prova provada  
Que roubara, o que roubou,  
Um pouquinho, quasi nada,  
Que o fez rato e se acabou !

Senhora dos meus desvellos  
Eras tu, botão de flôr !  
Mas... espichaste os cabellos,  
Ficaste sem meu amor !

—Fui no concurso o escolhido!  
--Já o sabia, doutor,  
Que sempre o mais protegido  
Engole o mais sabedor !

Teu rosto não annuncia  
O mau que tú és por dentro,  
Bem como a peripheria  
Não diz o que está no centro!

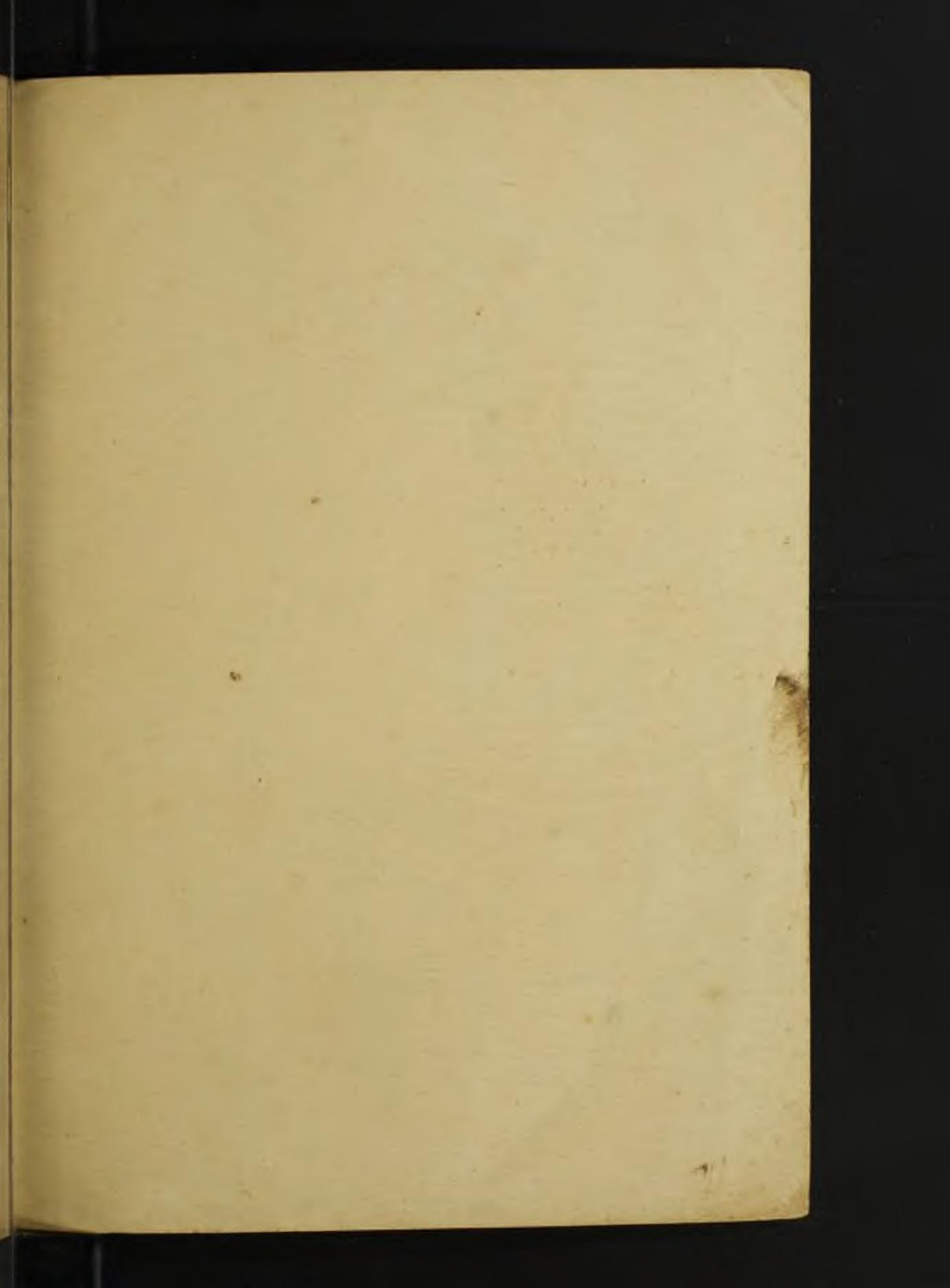
Politico e sempre graúdo,  
De moço a quasi senil,  
Do Brasil tem tido tudo!  
Nada tem dado ao Brasil!

Por serem asperas e rudas  
As vias que vão á Cruz,  
Cada dia nascem judas  
Mas.... não surge outro Jesus !



09  
1 Paesig  
875

2933





A. NOVA GRAPHICA  
TRAVESSA DO GARAPA, 20  
BAHIA